



## “Mantenha distância dos macacos”: notas sobre as interações entre humanos e um grupo de macacos-prego no Parque Nacional de Brasília

Mariana Machado (UnB)<sup>1</sup>

**Resumo:** O Parque Nacional de Brasília é uma unidade de conservação e um local aberto à visitação que acolhe as mais diversas espécies do cerrado brasileiro, entre elas, o macaco-prego (*Sapajus libidinosus*). O encontro cotidiano entre humanos (visitantes, cientistas e servidores) e não-humanos no parque permite e promove os mais diversos tipos de interações mútuas. A partir do estudo etnográfico realizado no parque junto aos primatólogos, é possível elaborar uma profusão de indagações a respeito das relações intersubjetivas entre pesquisadores, macacos-prego e visitantes, revisando o conceito de domesticação, no sentido de que, o contato entre os agentes desta relação faz com que comportamentos, técnicas e procedimentos específicos sejam acionados e constantemente transformados com o contato, por exemplo, as técnicas científicas, entre os cientistas; a extrema proteção de objetos pessoais, entre os visitantes, e as variações de conduta dos macacos, desafiando a dicotomia doméstico/selvagem.

**Palavras-chave:** Relações humano-animal, macaco-prego, Parque Nacional de Brasília.

### Introdução

O ser humano sozinho não lhe basta mais. Porque natureza e cultura são uma só coisa. Sociedade e meio ambiente, uma só casa. As neurociências, a etologia, a genética,

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Antropologia Social do Departamento de Antropologia (DAN) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: arquemariana@gmail.com

a ecologia falam claramente. Nós, bípedes, com o dom da palavra, não somos o umbigo do mundo, mas sim parte da vida, quer gostemos ou não. (DESCOLA, 2011)

Este ensaio etnográfico é fruto de uma pesquisa de campo realizada entre setembro de 2018 a março de 2019 que se debruçou em acompanhar primatólogos e um grupo de macacos-prego (*Sapajus libidinosus*), bem como as diversas interações entre cientistas, visitantes e servidores e o grupo de macacos no Parque Nacional de Brasília.

Mesmo que brevemente, este ensaio pretende trazer alguns dados etnográficos para pensar as relações entre humanos e não-humanos no Parque Nacional de Brasília (PNB). Para isso, inicio este ensaio apresentando o local que realizei a pesquisa, para em seguida, trazer dados acerca dos entendimentos sobre o PNB e das *políticas de convivência* entre humanos e não-humanos adotadas pelo Parque, para depois trazer dados e analisar as *mútuas-transformações* entre humanos e macacos-prego a partir dos encontros cotidianos. Me proponho a pensar os dados a luz de conceitos clássicos da Antropologia, como os de natureza e cultura, homem e animal.



**Foto 1** – “Caçando restos”.  
Fonte: Mariana Machado.

## As regras do jogo

Criado em 29 de novembro de 1961 pelo decreto nº 241, e com extensão de 42.355,54 hectares, o Parque Nacional de Brasília, mais conhecido como Água Mineral, nasce

praticamente junto com a capital federal. O Parque é uma Unidade de Conservação (UC)<sup>2</sup> que acolhe as mais diversas espécies da flora e da fauna do cerrado brasileiro – muitas delas ameaçadas de extinção, como o galito do cerrado, tico-tico-do-mato, gato-maracajá, tamanduá-bandeira, codorna-buraqueira, tatu-canastra, águia cinzenta<sup>3</sup> – e um local aberto à visitação que tem como atração duas piscinas de água corrente, trilhas, centro de convivência e áreas de contemplação da natureza, como a ilha da meditação.

Por ser uma unidade de conservação e ao mesmo tempo um local aberto à visitação com acesso a piscina, o parque acaba promovendo encontros – desejáveis e indesejáveis, esperados ou não – entre humanos e animais não humanos todos os dias. Por isso, regras se fazem necessárias para amenizar o caráter “indesejável e inesperado” destes encontros. As diretrizes institucionais-organizacionais adotadas pelo Parque podem ser percebidas, principalmente, pelo que chamei de *políticas de convivência*, dentre as quais pretendo analisar: as abordagens dos servidores; as placas espalhadas pelo parque e os “cercados” das trilhas.



**Fotos 2 e 3** – A da esquerda (foto 2) é referente aos cercados presentes na “Trilha da Capivara” e a da direita (foto 3) mostra a Piscina Velha, lugar onde há mais encontros entre visitantes e macacos-prego no Parque.

Fonte: Site do ICMBIO.

<sup>2</sup> A Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) e definiu Unidades de Conservação como “espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção da lei”

<sup>3</sup> Informações retiradas do site do ICMBIO <<http://www.icmbio.gov.br/portal/parna-de-brasilia?highlight=WyJicmFzXHUwMGVkbGh1l0=>> Acessado em: 10/04/2019.

Na primeira vez que visitei o Parque Nacional de Brasília (PNB) reparei em uma situação que muito me chamou atenção: Logo na entrada da área da piscina, um servidor recebia os visitantes, repetindo a mesma frase: “Bom dia, senhora, seja bem-vinda, mantenha distância e não alimente os macacos!”. Esta frase é muito sugestiva das políticas de convivência e coabitação entre frequentadores humanos e animais no PNB, principalmente com um grupo de macacos-prego (*Sapajus libidinosus*) que é famoso por “roubar” alimentos e interagir com os visitantes nas áreas das piscinas.

As abordagens dos servidores são direcionadas para prevenir e/ou amenizar o encontro com animais. Desde a entrada do PNB os trabalhadores do local atentam os visitantes sobre os potenciais riscos no parque e sugerem que mantenham distância dos animais. Os servidores são instruídos a sempre pedir para que os visitantes se afastem, guardem alimentos e não reajam às ameaças do grupo de macacos. Presenciei abordagens já dentro da área da piscina, quando os macacos estavam próximos demais de um grupo de visitantes.

Certa vez, uma situação interessante ocorreu. Uma senhora começou a ameaçar Rambo<sup>4</sup>, o macho alfa do grupo de macacos, com um chinelo, na tentativa de afastá-lo de seus pertences. Ele, nos galhos de uma árvore, reagiu, tentando puxar o cabelo da visitante. A senhora, então, falou para Carlos<sup>5</sup>, um servidor do Parque: “você deveria fazer alguma coisa para eles pararem de atacar a gente” ao que ele respondeu: “a senhora que tá na casa deles, você não pode ameaçar o dono da casa com um chinelo, e eu não posso fazer nada!”.

Antes de seguir, é relevante ressaltar que os servidores e cientistas comentam, às vezes até com certa indignação, o fato de o Parque ser uma UC, mas ser entendido em muitas situações como um clube urbano<sup>6</sup> pelos visitantes. Cecília, primatóloga que faz pesquisa com os macacos-prego da área da piscina, comentou que já ouviu coisas absurda dos visitantes em relação aos macacos, como “eles são uma praga, tinham que

---

<sup>4</sup> Irei me referir aos macacos com os nomes originais que eu e os pesquisadores nomeamos para facilitar o processo de reconhecimento de cada indivíduo do grupo de macacos-prego. É interessante notar que os nomes também são utilizados pelos servidores ao se referirem aos macacos quando contando anedotas do dia a dia, de forma que as individualidades dos macacos ficam tão claras nessas histórias que era como se estivéssemos falando de “humanos”.

<sup>5</sup> Todos os nomes de humanos aqui citados são fictícios.

<sup>6</sup> O termo “clube” é tão comum que em diversas reportagens o utilizam para se referirem ao Parque <<https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/macaco-ataca-mulher-em-clube-no-distrito-federal-20102018>> Acessado em 10/04/2019

morrer envenenados”. Rodrigo, outro pesquisador, contou sobre o trabalho com macacos-prego no Zoológico de Brasília e reclamou sobre como se dá a interação macacos-humanos no local. Segundo o primatólogo, uma possível solução é o trabalho de educação ambiental contínuo em que se instruisse os visitantes de que o “Parque não é uma praia, um clube, não é lugar de trazer comidas, mas que se eles quisessem trazer, a responsabilidade deveria ser toda deles, e que é expressamente proibido mexer com os macacos, machucar eles ou qualquer outro animal, pois ali era a casa deles”. Artigos que tratam das interações entre os macacos e os humanos no Parque são ilustrativos da visão dos cientistas sobre o assunto:

“Os conflitos entre humanos e macacos-prego favorecem a constituição de um imaginário social em que esses animais passam a ser vistos como agressores dos frequentadores do PNB [...] devido à visão distorcida que os visitantes tem do PNB, por meio da qual consideram-no como uma simples área de lazer, e não como uma Unidade de Conservação da Natureza” (Saito, C; Brasileiro, L; Etelvia, L; Tavares, M; p.518, 2010)

Na opinião geral dos meus interlocutores é muito difícil desconstruir esse entendimento dos visitantes do PNB. A visão de que o Parque é um clube não é recente e é extremamente problemática pois, segundo os primatólogos, por conta dessa visão as pessoas “acabam fazendo o que elas bem entendem”, chegando a agredir os macacos ou alimentá-los para tirar fotos, sendo que “elas deveriam entender que eles são animais selvagens e que quando eles se sentem ameaçados eles podem morder, machucar, atacar, ou seja, as pessoas não podem arriscar porque não é brincadeira. Eu acho que as pessoas não têm essa dimensão só porque é um animal pequeno aí acha não tem esse risco”, coloca Rodrigo.

Os primatólogos também entendem que as interações entre humanos e animais não deveriam virar uma guerra ou uma rivalidade, mas que deveríamos aprender a conviver, coabitar espaços e a respeitar os animais e a casa deles. Rodrigo completa dizendo que “não dá pra gente chegar aqui e falar que vamos fechar a piscina porque os macacos estão aqui e nem o contrário, querer expulsar os macacos daqui para os humanos ficarem”. O problema, para o pesquisador, “é que as pessoas não querem ceder, é por isso que lidar com gente/humano é bem mais complicado e difícil” e, olhando para mim, fez uma cara de que eu sabia e entendia o que ele estava querendo dizer.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Naquele momento, identifiquei que eles faziam certa diferenciação: os dois como eram biólogos, “mexiam com bicho” e eu como a única representante das ciências humanas, segundo eles, “mexia com gente”.

Carlos conta que já perdeu a conta de quantas vezes apreendeu bebida alcoólica de visitantes que, mesmo sendo avisados da proibição desse consumo, levam bebidas em garrafas d'água ou de refrigerante. Fernando, servidor do PNB, comentou que o melhor jeito de “dar o bote” é esperar os macacos roubarem comida: “é muito engraçado quando eles abrem as garrafas de refrigerante e tem cheiro de álcool, eles tacam longe, eles detestam o cheiro e o gosto, tai uma boa forma de saber quando a bebida é álcool”. Aqui, é interessante destacar dois pontos: a interessante capacidade que os macacos tem de categorizar sobre que tipos de recursos antrópicos eles querem consumir e a relação de cooperação entre servidores e macacos, como enfatizado por Samanta, outra servidora do parque: “a gente defende a casa deles e eles ajudam a gente a trabalhar”.



**Foto 4** – “Guaraná também é fruto?” (PNB)

Fonte: Mariana Machado.

A relação entre servidores e macacos me chamou atenção pela quantidade de histórias, um tanto bem-humoradas, que eles me contavam – enquanto passeávamos pela área da piscina – sobre as interações que envolviam os macacos e visitantes. Fernando relatou um episódio em que um grupo de frequentadores portava um grande cooler com gelo até a sua capacidade máxima. Rihanna chegou perto e os frequentadores tentaram expulsá-la, em resposta, ela foi ficando “brava” e por isso foi se vingar deles, então, do nada, ela pegou o cooler e o lançou no chão, derramando todo o gelo e revelando várias

latas de cervejas que os visitantes estavam tentando esconder, ao que Carlos acrescentou: “esses macacos têm uma força que você não imagina, derramar um cooler pesado daquele ô, bicho danado de inteligente!”.

O que fica aparente é que o papel dos servidores é de prevenir encontros indesejáveis entre visitantes e animais, assim como o papel das placas e dos cercadinhos ao redor das trilhas. Dizeres como “proibido ultrapassar”, “não alimente os animais” e “mantenha distância” são análogos às abordagens de servidores que frisam “aqui é a casa deles”, “você que está visitando”, de forma que é interessante perceber que “as regras do jogo”, ou seja, as políticas de convivência estão sempre tentando evitar os encontros e separar/delimitar o que seria o espaço dos humanos e espaço dos animais, reafirmando assim a dicotomia entre natureza e cultura.

## Para além de fronteiras e dicotomias



**Foto 5** – “Mantenha distância”: passando do limite. (PNB).

Fonte: Mariana Machado

A figura acima ilustra a contradição que existe nas políticas de convívio entre humanos e animais no Parque. Sob um primeiro olhar, a mata ao fundo da imagem suscita o que classificamos como natureza, enquanto a placa e o espaço a frente dela (piscina) são frutos de uma ação cultural<sup>8</sup>. Porém, enquanto as placas deixam claro que as informações são dirigidas aos primatas humanos, o primata não humano já ultrapassa essa

<sup>8</sup> Como exemplificado por Descola (2016) na ideia de “cerca natural”.

fronteira, saindo da mata para adentrar o espaço esperado que seja ocupado só por humanos, o que me faz pensar que nós, os animais e os objetos que nos rodeiam não são nem “naturais” nem “culturais”, mas estão em uma situação intermediária: são os dois ao mesmo tempo (DESCOLA, 2016).

Enquanto as placas e os cercados (foto 2) pretendem delimitar o que seria o “selvagem” e o “civilizado” do Parque e as abordagens dos servidores tentam evitar encontros, os macacos desafiam essa lógica todos os dias. Mas que lógica seria essa? O ser humano foi definido durante séculos por características supostamente não compartilhadas com outras espécies, como a racionalidade, a capacidade de produzir ferramentas, possuir cultura, dentre outros. Para os animais sobraram as “ausências”, ou seja, foram definidos com tudo aquilo que não era tido por humano. Ingold (1994:1) complementa:

“No contexto da tradição do pensamento ocidental, os conceitos de ‘humano’ e ‘animal’ parecem cheios de associações, repletos de ambiguidades e sobrecarregados de preconceitos intelectuais e emocionais. Dos clássicos até os dias de hoje, os animais têm ocupado uma posição central na construção ocidental do conceito de homem”.

Os cientistas sempre estiveram procurando o que separaria os “humanos” dos demais animais, como bem lembra Ingold (1994:10): “Todo cientista tem uma palavra ou expressão favorita com a qual preenche a lacuna na frase “o homem se define como um animal\_\_\_\_\_”. Enquanto as ciências biológicas se inspiram na ideia de continuidade pensada por Darwin (2003[1859]) e do homem como apenas mais uma espécie, as ciências sociais tem a tendência de considerar o humano como único, pois acreditam que a diferença não seria só de grau, mas também de qualidade, ou seja, apenas o ser humano teria capacidade de possuir cultura (GEERTZ, 1980). Ou seja, por muito tempo, a saída da Antropologia também pareceu operar pela mesma dicotomia, homem/animal – sendo aquele o detentor da capacidade de representação e do discurso simbólico, enquanto este sendo apenas um ser passível de simbolização pelos humanos.

Ingold (1994), por sua vez, ao resgatar o histórico de como a noção acerca do animal sempre nos proporcionou a construção ocidental do conceito de homem, nos apresenta uma boa alternativa para pensar estes conceitos. Em sua proposta, também se reconhece os dilemas da visão dualista do conceito de humanidade que cai ora em um etnocentrismo, ora em um antropocentrismo, e como sugestão, propõe a ideia de



ultrapassar a oposição entre natureza/cultura, animal/humano como uma possível alternativa às dicotomias. Não seria mais produtivo e interessante refletir sobre a nossa relação com os animais ou pensar sobre o que *significa ser humano* do que insistir em tentar descobrir o que *é um ser humano* e o que realmente nos distingue das outras espécies?

Já que nunca estivemos separados dos animais e justamente por isso a fronteira entre humanidade e animalidade é nebulosa, é importante que a Antropologia também se preocupe com estas questões, como nos trabalhos sobre humanos e macacos nos templos de Bali (FUENTES, 2007); visitantes e macacos-japoneses nos parques do Japão (KNIGHT, 2005); e primatólogos e miquis em Caratinga – MG (SÁ, 2013) . Em uma entrevista<sup>9</sup> publicada em 2011, Philippe Descola – herdeiro da cátedra de Lévi-Strauss- coloca que:

“As outras criaturas, animais, plantas, minerais, também são coquilinos do mundo. Não são coisas ou formas de vida, mas sim verdadeiros agentes sociais, que têm os mesmos direitos que os seres humanos. E muitas vezes características em comum, que não são meramente biológicas, mas até culturais. É por isso que hoje a antropologia não pode mais se limitar ao ser humano, mas deve estender o seu olhar a todos os seres com os quais interagimos e convivemos.”

As abordagens dos servidores, as falas dos pesquisadores, as placas e os cercados que tentam delimitar os espaços, não só operam, como são desdobramentos/produtos da dicotomia natureza/cultura. As constantes infrações das “regras de convivência” (macacos ocupando os espaços, humanos alimentando macacos, etc), acabam por ser mais comuns do que a própria regra se concordarmos que os encontros entre humanos e animais no parque demonstram uma transcendência das políticas de convivência e por consequência da própria dicotomia.

Quando questionados sobre a eficiência das placas, cercados e abordagens, ou seja, as políticas de convivência, meus interlocutores mostravam convicção de que “não funcionavam totalmente”, exatamente por precisarem, a todo instante, reafirmá-las, ao perceber que os visitantes e o grupo de macacos estavam constantemente quebrando e desautorizando as regras.

Sobre as políticas de convivência entre humanos e os animais e como em muitas vezes elas reafirmam a tentativa de separar os humanos dos animais, é interessante pensar

---

<sup>9</sup> A entrevista pode ser conferida neste link: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/46229-animais-plantas-natureza-os-direitos-do-meio-ambiente-entrevista-com-philippe-descola>> Acessado em: 25/05/2019

como essas políticas são uma contradição naquilo que elas tentam impor; e o Parque como um exemplo de um local híbrido por ser uma conjugação de vários entendimentos.

Na sua hibridez, o Parque desautoriza as dicotomias nele impostas por justamente ser constituído por uma paisagem complexa, ou seja, composta de agentes humanos e não humanos. Ele é categorizado como “clube” por alguns visitantes, ele é casa para os animais que ali sempre estiveram e ele é trabalho para os servidores e pesquisadores. Aqui não pretendo esgotar/encerrar os entendimentos possíveis sobre o Parque, apenas apresentar percepções que identifiquei como importante, como acrescenta Lobo (1998: 29):

“O PNB, enquanto um espaço construído, é o resultado do jogo multilateral dos múltiplos atores em causa. Nesse sentido, as cosmografias e territorialidades se sobrepõem, formando uma complexa rede de relações que constituem e são constitutivas do Parque. [...] o espaço do PNB é visto aqui como um campo de possibilidades. Enquanto tal, é constantemente apropriado e controlado por diversos atores que atuam em escalas distintas.”

As agências não-humanas ultrapassam os limites impostos pelo entendimento Ocidental moderno sobre os grandes divisores que definem humanidade e animalidade. Antes, colocam em xeque as próprias políticas de relações interespecíficas do PNB como unidade de conservação. Como Latour propõe, assim é possível:

“[...] compreender esses não-humanos que são [...] atores cabais em nosso coletivo; compreenderemos, enfim, por que não vivemos numa sociedade que olha para o mundo natural exterior ou num mundo natural que inclui a sociedade como um de seus componentes. Agora que os não-humanos já não se confundem com objetos, talvez seja possível imaginar um coletivo no qual os humanos estejam mesclados com eles” (LATOURE, 2001: 201).

Por fim, o Parque, em sua complexidade, pode ser entendido como um local híbrido e um campo de possibilidades. As conjugações dos entendimentos sobre o Parque fazem ele ser casa, lazer e trabalho. E, as interações cotidianas entre humanos e animais, que no encontro acionam diferentes comportamentos, técnicas e procedimentos, proporcionam uma mútua-transformação a partir do encontro entre os agentes da relação, desafiando, assim, as distinções clássicas entre, no plano geral, natureza e cultura e no mais específico, homem e animal.

## Os encontros e suas transformações

*“A vida não dá certeza pois tudo se movimenta  
cada dia representa a chance de uma surpresa  
e até mesmo a natureza se altera a cada segundo”*

Trecho da música “Tempo II” de Siba e a Fuloresta –  
Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar (2007)

Aqui pretendo destrinchar um pouco mais sobre como o convívio entre animais e humanos no Parque Nacional de Brasília promove transformações nas técnicas, procedimentos e comportamentos, justamente pelo Parque ser um exemplo de lugar de coabitação multiespecífica que se baseia em um vínculo social (LATOURE, 2012). Este vínculo se mostra principalmente no encontro entre macacos e humanos por terem relações diretas, mesmo que estas sejam proximidades indesejadas como ameaças, ataques e roubos ou encontros desejáveis como as interações de contemplação da natureza por parte dos visitantes e a curiosidade intelectual e de pesquisa dos primatólogos.

Como já expressei anteriormente, os macacos já são famosos por interagirem com os frequentadores humanos que estão na área da piscina ou das trilhas, geralmente, buscando alimentos antrópicos (foto 6). A partir disso, os macacos acionam diversas estratégias para executar esse tipo de abordagem, já os humanos buscam diversas maneiras de se protegerem e se prevenirem.



**Foto 6** – Geração Coca-cola: quem não gosta?

Autoria: Mariana Machado.

Certo dia, quando cheguei em campo, observei que um grupo de visitantes estava com muitas mochilas e coolers e quando olhei mais de perto, reparei que todos os pertences estavam com cadeado. Intrigada com esta situação, perguntei para um deles o motivo para tanta “proteção” e eles me responderam: “estamos protegendo as nossas coisas dos ladrões da mata, os macacos que tem aqui. Da última vez que viemos, todo nosso lanche foi embora com eles.” Achei aquela situação interessante, pois me fez refletir, como a relação entre os humanos visitantes e o grupo de macacos acionou certo tipo de comportamento não muito comum para quem vai fazer piqueniques em parques. Comecei a reparar, então, várias estratégias que os visitantes adotavam para não terem seus pertences roubados, como por exemplo, comer dentro d’água de forma a impedir que os macacos se aproximassem, panos e toalhas enormes cobrindo as mochilas (que, aliás nada adiantavam), ir para lugares mais afastados da piscina para comer, jogar o resto de comida nos lixos que possuem travas que, teoricamente, tem o objetivo de fazer com que apenas humanos conseguissem abrir (foto 7), entre outras.



**Foto 7** – Travas nos lixos não são suficientes para evitar que macacos (e quatis) peguem restos de alimentos.

Autoria: Mariana Machado.

A extrema proteção dos pertences por partes dos visitantes chama atenção porque, quando ocorrem encontros indesejáveis e os macacos fazem um *display*<sup>10</sup> de agressividade

<sup>10</sup> Termo técnico usado pelos primatólogos que trabalhei para se referir ao conjunto de sinais que indicam um comportamento específico.

para os humanos, o que está em jogo é assegurar que objetos e alimentos não sejam roubados e não a própria integridade física das pessoas, fazendo com que ataques mais sérios aconteçam exatamente porque os humanos reagem a tentativas de roubo por parte dos macacos.

No campo presenciei diversos eventos que suscitam reflexões sobre a afirmação acima. Em meu diário de campo, narro: “Como era um dia de sol, o parque estava cheio e tinha muitas sacolas e mochilas cheias de comida, cenário perfeito para os macacos roubarem. Um casal deixou as sacolas com comida em cima de uma mesa e entraram na piscina. Rihanna<sup>11</sup> aproveitou a oportunidade e foi ver o que tinha, quando o casal percebeu, começaram, de dentro da piscina, a jogar água em Rihanna que ficou muito estressada, mostrou os dentes mas não parou de xeretar, Rambo chegou para dar reforço e fez *display* de agressividade e vocalizou muito alto para os frequentadores, que insatisfeitos saíram da água e jogaram um copo plástico em direção aos macacos. Nessa hora, achei que Rambo fosse morder o rapaz, por sorte ele conseguiu abaixar a cabeça e sair ileso.”

Outra vez, quando cheguei na área da piscina, Fernando, servidor do Parque, comentou comigo que os macacos estavam “foda” demais aquele dia, e que mais cedo Mini, outro integrante do grupo de macacos, “assaltou” uma senhora que, para defender seus pertencentes, pegou uma toalha e o ameaçou. Entretanto, não percebeu que Rambo chegou por trás e muito “nervoso” acabou puxando o cabelo dela. Depois de alguns minutos, arranjaram uma outra encrenca com um grupo de jovens que estavam sentados e quando um deles se levantou, Rambo veio e acabou arranhando a orelha do rapaz que teve que ir direto para a enfermaria devido a um sangramento.

Do mesmo modo que podemos ver as diferentes estratégias adotadas pelos visitantes diante dos encontros, também ficou muito claro pra mim os processos de transformação dos comportamentos, técnicas e procedimentos dos macacos e dos cientistas. Em ambas as situações descritas acima, podemos perceber as estratégias de reforço (foto 8) e cooperação entre os macacos, logo, prestava-se muita atenção nos diálogos que aconteciam entre eles para chamar atenção, seguir uma estratégia, avisar sobre determinada coisa, entre várias outras; até porque a pesquisa dos primatólogos era sobre as vocalizações dos macacos.

---

<sup>11</sup> Rihanna é a maior “batedora” do grupo, ou seja, a que mais rouba comida, ameaça, enfrenta visitantes humanos. Ela é a fêmea-alfa e a estrela do grupo.



**Foto 8** – Rambo e Rihanna atentos minutos antes de roubarem um melão de um grupo de visitantes.

Autoria: Mariana Machado.

Muito me marcou o dia que teve um momento de conflito entre um grupo de frequentadores e Rambo, Rihanna e Romã. Nesta ocasião percebi que houve um diálogo entre os três – que, aliás, sempre estão juntos dentro do grupo. Minha hipótese inicial era que o diálogo era no sentido de alerta, apontando uma estratégia a ser acionada para aquela situação. Logo depois, minha hipótese foi confirmada quando Cecília, a pesquisadora principal comentou comigo e Rodrigo, “vocês viram aquele diálogo entre eles? Sensacional!”. O que marcou foi perceber as estratégias dos macacos em sua relação com os visitantes como foi reiterado por Cecília. Este acontecimento me fez lembrar de uma passagem do livro de Frans de Waal, um primatólogo renomado, que mesmo sendo sobre um outro grupo de primatas (chimpanzés) reflete muito o que eu via e sentia no grupo de macacos-prego:

“Sabe-se que os chimpanzés reconhecem as vozes uns dos outros. A floresta fervilha delas, algumas próximas, outras fracas e distantes, e grande parte da vida social desses primatas decorre em um mundo de vocalizações.” (DE WAAL, 2007)

Era interessante observar também como eles sempre esperavam a distração ou a saída dos humanos do local para iniciarem a estratégia de furto. Por muitas vezes,

observei que as copas das árvores (principalmente as que tinha em cima dos bancos) eram um ótimo lugar para esconderijos e camuflagem, eles se aproveitavam dos galhos e folhas e quando percebiam que os humanos estavam distraídos partiam para ação, raramente sozinhos. Os pesquisadores costumavam classifica-los entre batedor, usurpador e oportunista nas estratégias de forrageio. Refletindo sobre os termos usados para estas categorias, pensei em uma “meta-usurpação” por parte de alguns macacos que roubam o alimento de macacos que foram batedores dos recursos dos humanos: a usurpação da usurpação, o roubo do roubo.

Assim como o encontro com os macacos transformou o comportamento dos visitantes, também são perceptíveis as alterações nas estratégias de forrageio dos macacos que se especializaram em se alimentar de recursos antrópicos ao invés de frutos naturais e nas estratégias de ação para alcançar um alvo (alimento). Podemos concluir que há uma clara agência dos animais na relação com os humanos.

Agora, pretendo me ater nas estratégias de habituação dos pesquisadores com os macacos e nas transformações das relações entre eles a partir destes encontros. Logo, nos primeiros dias, era extremamente importante para os primatólogos criar estratégias de aceitação perante os macacos, então mudanças eram necessárias para que nós<sup>12</sup> pudessemos, por exemplo, não apenas pesquisar com os macacos na área da piscina, mas também dentro da mata.

Primeiramente o que me chamou mais atenção foram as vestimentas e instrumentos que deveríamos adquirir para fazer trilhas e acompanhar os macacos dentro da mata. Me alertaram que deveria providenciar uma perneira que me protegeria das cobras; um rolinho de tirar pelo de gato para passar na roupa e tirar os carrapatos que pegávamos dentro da mata ao longo do dia; por último, e também o que achei mais interessante, um chapéu que deveria ter uma cordinha embaixo do queixo para prender, pois dizia-me alguns primatólogos, “estudar macaco-prego é estar constantemente em risco de perder algum objeto, eles são muito curiosos e pegam tudo”. Era interessante irmos sempre com roupas compridas e da cor verde/terra para facilitar a habituação, eu e Cecília percebemos que ir com a mesma roupa também facilitava o processo, então providenciamos um colete tipo de pescador para termos uma maior identificação e nos diferenciarmos

---

<sup>12</sup> Uso “nós” pois participei ativamente na pesquisa dos primatólogos que acompanhei, principalmente nas técnicas de scan e focal.

dos outros humanos, além de que era uma vestimenta incrível para guardar os vários instrumentos que precisávamos para a coleta de dados (binóculos, celular, walktalks, microfone, tablet, luvas, etc).

Depois era necessário aprender instruções e procedimentos para saber lidar nas primeiras fases da habituação com os macacos. Dudu, pesquisador e orientador de Cecília, já tinha amplas experiências de habituação com macacos durante sua carreira e falou que seria interessante que emitíssemos um som específico toda vez que entrássemos na mata para que os macacos se acostumassem com a gente e reconhecessem esse som associando-o como uma não ameaça. Certo dia, depois de algumas vezes fazendo essas vocalizações<sup>13</sup>, Cecília e eu entramos na mata e de cara encontramos Amarelo, macaco macho do grupo. Sugeri que fizéssemos a vocalização, e assim que o fizemos, Amarelo olhou para gente e demonstrou muita curiosidade e interesse pois ficou nos encarando durante um bom tempo, fazendo uma expressão muito comum entre primatas quando estão curiosos (levantar e abaixar a região das sobrancelhas). Não reagindo de forma agressiva, apenas nos observou de uma distância relativamente próxima e de forma muito curiosa. Saímos muito felizes e esperançosas.

Considero importante aqui, colocar que a habituação e o reconhecimento dos primatas são passos fundamentais para iniciar uma pesquisa com esses animais. No processo de habituação e reconhecimento percebemos que cada dia há uma mudança de comportamento por parte dos macacos perante a nós e vice-versa, tornando assim uma relação mútua e não unilateral, ou seja, relações intersubjetivas e entendendo “por subjetividade um fluxo mútuo de mudanças e transformações nos termos que compõem a relação” (SÁ, 2013).

Outro procedimento importante para a pacificação da relação entre nós e o grupo de macacos era de sempre ficar “submisso” a uma possível ameaça. Em uma determinada tarde em que encontramos Teresa, uma primatóloga experiente, que já tinha estudado o grupo de macacos que estudamos quando este tinha apenas 6 indivíduos. Conversamos um pouco sobre a pesquisa de Cecília e Teresa nos instruiu sobre a habituação dos macacos, dizendo: “não é bom vocês olharem no olho deles, nenhum primata gosta disso, nem a gente, já reparou? não enfrentar, não correr, não gritar. Se eles vierem ameaçar ou

---

<sup>13</sup> Me lembro que nas primeiras vezes que vocalizamos ao entrar na mata, senti como se estivesse pedindo “licença/permissão” para adentrar na mata/casa deles.



expulsar vocês, a primeira coisa que vocês tem que fazer é abaixar, tem que abaixar mesmo, ficar de cócoras, mostrar pra eles que você está “submisso”, isso funciona inclusive porque eles fazem isso entre eles, quando está acontecendo alguma briga e um deles fica com um comportamento submisso, o outro para de brigar”.

Seguimos todos esses procedimentos e cada dia era uma surpresa no processo de habituação. Nos primeiros encontros eles vinham três ou mais vezes tentar expulsar a gente, depois de algumas semanas, apenas uma vez por dia, até chegar um período que passávamos quase o dia todo dentro da mata e eles não vinham nem uma vez tentar expulsar, como colocou certa vez Dudu “a maior conquista na habituação de primatas é quando eles nem tentam mais te expulsar, e também, nem fogem de você, eles te olham e ficam nem ai pra você”.

Certa vez, entramos na mata eu, Cecília e Celeste seguindo Mini, que nos levou a todos os outros macacos minutos depois, sempre mantendo uma distância razoável, próxima, porém nunca na frente deles. Como não dava para gravar, ficamos sentadas admirando as coisas que Mini fazia e ele retribuía a ação nos observando também: a expressão de abaixar e levantar as sobrancelhas dele deixava clara sua curiosidade perante a nós e ao que fazíamos ali. Não teve nenhum *display* de agressividade dirigido a nós naquele momento, dentro da mata, o que fez Cecília dizer que parecia que eles estavam totalmente habituados com a nossa presença. Como explica Guilherme Sá em seu livro “No mesmo galho”, as relações entre primatas não humanos e cientistas são intersubjetivas pelo fato de serem “resultantes da ação de, e, constituintes de dois ou mais sujeitos” (SÁ, 2013).

Para concluir, pretendo apresentar e discutir um evento que acredito fechar bem a discussão, ou seja, amarrando o que tenho postulando desde o início. Como era de costume, Cecília e eu sempre sentávamos em um banco para beber água, descansar e conversar sobre o dia ou sobre outros assuntos. Naquele dia, iniciamos uma conversa sobre os outros grupos de macacos que existem no Parque além do grupo que acompanhávamos e ficava mais restrito na área da piscina. Cecília me contou que quando um grupo diferente de macacos se encontrava com o grupo de Rambo, eles brigavam muito, “a coisa ficava feia” dizia ela. Cecília acredita que isso ocorre porque como cada grupo se especializou em um tipo de alimentação, (os da mata em uma alimentação mais natural e o grupo da piscina em uma alimentação mais focada em recursos antrópicos) o encontro entre eles era bastante agressivo por conta da proteção que cada um teria com o seu território.

Cecilia usou o termo “selvagem” para caracterizar o grupo que fica mais restrito na mata. Questionei-a perguntando se o nosso grupo também não era selvagem e ela me respondeu dizendo que era também, mas que o grupo da mata era mais selvagem. De modo a me fazer entender o termo, me explicou que o grupo da mata fugia de humanos, ou seja, “eles tem medo da gente por isso fogem, como eles não são habituados com humanos e nem se especializaram em saber “roubar” tão bem comidas antrópicas, eles são mais selvagens. O grupo que a gente estuda é mais acostumado/habituado com a presença humana.

Fiquei intrigada com os termos que ela utilizou para classificar os grupos e mesmo sabendo que o que ela queria era apenas diferenciar os grupos para que eu entendesse melhor, essa conversa me fez refletir sobre as produções sobre natureza e cultura, selvagem e doméstico na antropologia e, principalmente, naquelas que querem desmembrar essas dicotomias. Acredito que a categoria “mais selvagens” é colocada com o sentido clássico do termo, ou seja, dizer que estavam mais longe dos humanos, que eram bichos mais “naturais”, que ficavam mais para dentro da mata e não na parte “urbana” do parque. Enquanto o outro grupo seria os “menos selvagens” e mais habituados, justamente por estarem, ao contrário do outro grupo, nas partes esperadas que sejam ocupadas por visitantes, por serem mais próximo dos humanos, por serem especializados em forragear recursos antrópicos e por conviverem com os humanos mais frequentemente.

Em minha visão era de se esperar que a habituação dos “menos selvagens” está relacionada com menos agressividade ou docilidade e os “mais selvagens” estariam relacionados com uma maior agressividade perante a presença humana, se formos seguir a definição clássica do termo. Porém, se observamos o comportamento desses grupos de macacos como expus nos parágrafos anteriores, vamos perceber que existe uma certa contradição entre o comportamento dos grupos de macacos e as definições dos termos, “mais selvagem” e “menos selvagem”.

Esta forma de categorizar os diferentes grupos de macacos-prego por parte dos cientistas, me permitiu refletir sobre os termos “selvagem” e “doméstico” e como as próprias políticas do parque reafirmam essa dicotomia, como venho expondo deste o início deste trabalho. Em seu texto sobre antropólogos pensando a noção de domesticação, Sautchuk (2018) coloca

“a propósito da noção de domesticação, é oportuno justamente porque eles indicam caminhos para uma crítica à distinção natureza-cultura (ou humano-

-animal, sujeito-objeto) que vai além de um esforço teórico-reflexivo. [...] o valor desse termo (domesticação) para a antropologia está justamente na maleabilidade com que ele pode ser empregado, o que permite diferentes torções e aproximações” (SAUTCHUK, 2018).

A aproximação que faço, então, é no sentido de entender que a partir dos dados etnográficos trazidos sobre os encontros interespecíficos e as transformações promovidas por eles, pensarmos sobre as “regras do jogo”, ou melhor, as políticas do parque, as falas dos servidores, visitantes e cientistas e por consequência pensar sobre as dicotomias selvagem x domestico, humano x animal.

Concluindo: O Parque Nacional de Brasília enquanto um local híbrido e um campo de possibilidades de entendimentos e relações, promove os mais diversos tipos de interações entre humanos e animais. Enquanto as políticas de convivência tentam reafirmar a separação dos espaços; as relações, os comportamentos e técnicas, que estão em constante transformação a partir do encontro (desejável ou não) inter-multiespecífico, se situam em um lugar que desafia constantemente as distinções entre o doméstico e o selvagem, natureza x cultura, humano x animal e nos ajudam a repensar as relações humano-animal na antropologia contribuindo para um debate crítico importante que já acontece sobre a desconstrução das dicotomias clássicas (INGOLD, 1994, LATOUR, 2001; DESCOLA, 2016; SAUTCHUK & STOECKLI, 2012).

## Referências

- WAAL, Frans De. **Eu, primata: Por que Somos Como Somos**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- DARWIN, Charles (1859). **The Origin of Species**. New York: Signet Classics, 1959.
- DESCOLA, Phillipe. **Outras naturezas, outras culturas**. Tradução: Cecilia Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016.
- FUENTES, Agustin. **Monkey and human interconnections: The Wild, the Captive, and the In-between**. In: *Where the wild wild things are now: Domestication Reconsidered*. Edited by Rebecca Cassidy and Molly Mullin. New York: Berg, 2007.
- GEERTZ, Clifford. **Transição para a humanidade**. In: ENGELS, Friedrich; BAUMAN, Zygmunt; LEONTIEV, Aleixei; GEERTZ, Clifford; MACARIAM, Eduardo S. *O Papel da Cultura nas Ciências Sociais*. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

INGOLD, Tim. **Humanidade e Animalidade**. Tradução: Vera Pereira. Companion Encyclopedia of Anthropology, Londres, Routledge, 1994.

KNIGHT, John. **Feeding Mr Monkey: Cross-species Food “Exchange” in Japanese Monkey Parks**. In: *Animals in Person: Cultural Perspectives on Human-Animal Intimacy*. Edited by John Knight. New York: Berg, 2005.

LATOURE, Bruno. **A Esperança de Pandora**. Bauru: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. **Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-Rede**. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LOBO, Andrea. **Parque Nacional de Brasília. Análise sócio-antropológica de um espaço artefactual**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1998.

SÁ, Guilherme José da Silva e. 2013. **No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais**. Rio de Janeiro: 7 Letras. 244 pp.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel; STOECKLI, Pedro. **“O que é um humano? Variações da noção de domesticação em Tim Ingold”**. Anuário Antropológico [Online] II, 2012. pp. 227-246.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **Os antropólogos e a domesticação: derivações e ressurgências de um conceito**. In SEGATA, Jean & RIFIOTIS, Theophilos. *Políticas etnográficas no campo da ciência e das tecnologias da vida*. Porto Alegre: UFRGS, 2018. pp. 85-108.

YAMAMOTO, M. E.; VOLPATO G. L. (Org.). **Comportamento animal**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2011.